

# PORQUE OS HOMENS ESTÃO DE PÉ

O PT não arruinou o Brasil somente pela corrupção, pelo aparelhamento ou pela voracidade burocrática. Embora estes sejam os aspectos mais visíveis do desastre, a devastação mais profunda foi outra: ensinou o país a mentir para si mesmo em escala industrial, a chamar servidão de justiça social, decomposição moral de avanço civilizacional, ocupação partidária do Estado de amadurecimento democrático. O petismo não governou o Brasil; tratou de absorvê-lo, de engoli-lo, de transformar a máquina pública, a linguagem universitária, os reflexos da imprensa e a covardia empresarial numa extensão da sua vontade. E fez isso com a ajuda preciosa de uma elite oligárquica incapaz.

É por isso que a leitura corrente do bolsonarismo posta em circulação pela grande mídia, é uma fraude que só ilude mentes infantis e imaturas. Diz-se que Bolsonaro criou a divisão nacional, como se antes dele reinasse uma paz doméstica apenas perturbada por um demagogo vulgar e brigão. Mas a divisão já existia, camuflada sob o teatro das oligarquias da falsa alternância entre PT e PSDB. Neste arranjo obscuro, este administrava a rendição com bons modos, paletó limpo e soluções tecnocráticas, aquele encenava a revolução pela linguagem. Ambos, apesar das diferenças e disputas acidentais, cooperavam para o mesmo resultado: a lumpemproletarização do Brasil e a neutralização de qualquer força política orgânica e construída para buscar o interesse nacional.

Assim, foi criado no Brasil um ambiente de guerra civil, em que qualquer tipo de resistência à agenda de empobrecimento programado ou de desarticulação social é visto como extremismo a ser aniquilado da arena política.

Para descrever a complexidade dos efeitos sociais causados pela agenda petista, é bom retornar ao conceito grego de divisão da cidade: *stásis* (στάσις), do grego antigo derivado, designa antes de tudo um “ato de ficar em pé” e, por extensão semântica, uma “posição”, “postura” ou “partido” assumido num conflito. Na literatura clássica o termo passa a nomear a cisão interna da pólis em facções (στάσεις, no plural), isto é, a guerra civil ou sedição que rompe a unidade política, quando grupos “tomam posição” uns contra os outros e o antagonismo deixa de ser disputa ordinária para se tornar conflito existencial pelo comando da cidade.

Ao descrever a substância do conceito, ou ao contar a história da *stásis* de Cócira registrada por Tucídides, as semelhanças com o Brasil vão tornando-se evidentes, mas com o Brasil guardando sua peculiaridade: a existência de um líder totalmente dissociado e separado do sistema institucional já corrompido.

O cidadão brasileiro, sentindo-se cercado de inimigos, viu em Bolsonaro o líder antissistema que, em meio a essa ruptura, ainda busca reconstruir o Brasil. Por isso as multidões o seguem, e por isso os homens estão de pé: tomaram partido pela reconstrução do Brasil.

- **O petismo aprofunda o desastre ao normalizar a mentira pública e capturar instituições**, não apenas por corrupção, mas por colonização moral e cultural.
- **A “divisão” não nasce com Bolsonaro**: ela é a *stásis* ocultada pela falsa alternância PT-PSDB e pela guerra civil simbólica contra qualquer resistência.

